

EDUCANDO

Que guerra é esta?

Os ataques contra o Iraque, promovidos pelas tropas dos Estados Unidos e Inglaterra, começaram dia 20 de março e agora militares norte-americanos e ingleses querem implantar um novo regime no Iraque, em substituição à ditadura de Saddam Hussein.



O presidente dos EUA, George W. Bush, chamou a operação militar de “guerra contra o terrorismo” (1). Isso porque ele acredita que Saddam apoiava grupos terroristas, ou poderia, a qualquer momento, invadir países vizinhos, como fez com o Kuwait, em 1991, provocando a Guerra do Golfo.

Como Saddam perdeu a Guerra do Golfo para a coalizão liderada pelos EUA, o Iraque foi proibido pela ONU (Organização das Nações Unidas) de produzir e armazenar armas de destruição em massa. Saddam Hussein garantiu que cumpriu as exigências da ONU e que não tinha em seu território as armas capazes de matar milhares de pessoas de uma só vez.

George W. Bush achou que Saddam estivesse mentindo. A ONU enviou ao Iraque inspetores para investigar se Saddam escondia as armas que estava proibido ter. Nada foi encontrado. Países como a França, Rússia e Alema-

nha, membros do Conselho de Segurança da ONU, órgão que tenta manter a paz mundial, se colocaram contra a guerra porque não haviam provas suficientes para deflagrá-la (2). Sem consultar o órgão, e sob o pretexto de proteger o povo norte-americano e o resto do mundo dos ataques terroristas, Bush iniciou os ataques contra o país. (3)

Mas existe uma razão bem maior para que Bush queira derrotar Saddam Hussein: o petróleo iraquiano. O Iraque tem a segunda maior reserva de petróleo do mundo, ficando atrás só da Arábia Saudita.

Bush pretende colocar no governo iraquiano pessoas de sua absoluta confiança. E, por consequência, passar a ter o controle do petróleo, riqueza mineral indispensável nos dias de hoje (4).

É por isso que iraquianos morreram e cidades foram destruídas. E não se sabe até quando a ocupação pode durar. (5)

(1) Está é a segunda vez, desde os atentados de 11 de setembro de 2001, que o governo dos EUA atacam outro país para mostrar que não vão se intimidar diante do terrorismo. No ano passado, os norte-americanos atacaram o Afeganistão e derrubaram o Taleban, regime local que dava refúgio a Osama Bin Laden. O chefe da Al Qaeda havia assumido a autoria dos atentados.



(2) Milhares de pessoas no mundo inteiro saíram às ruas para pedir que Bush não atacasse o Iraque. Até nos EUA houve protestos pela paz, mas de nada adiantaram. Pesquisas de opinião mostraram que 70% dos norte-americanos são a favor da guerra.



(3) Poucos países apoiam os EUA na guerra contra o Iraque. Em 1991, durante a Guerra do Golfo, os EUA, comandados por George Bush, pai do atual presidente, tinham o apoio de 36 países.



(4) O congresso norte-americano concedeu 62 bilhões de dólares para Bush cobrir os gastos com a guerra.



(5) A Guerra do Golfo matou, em 1991, mais de 100 mil iraquianos, 30 mil kwaitianos e 269 soldados norte-americanos em 43 dias de conflito.



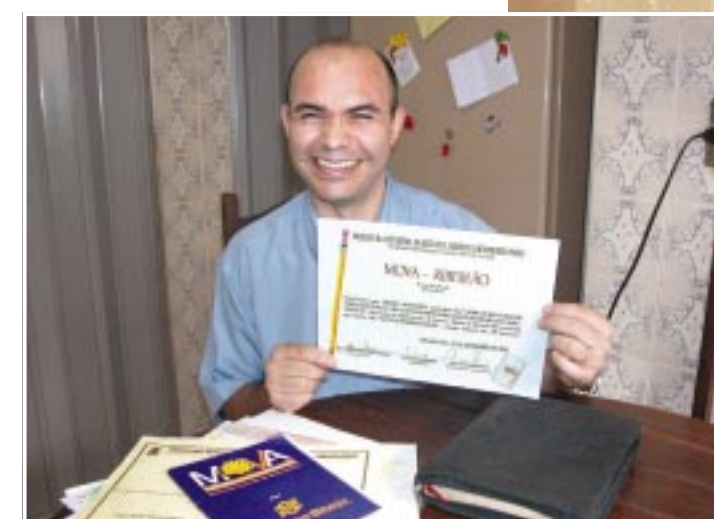
INFORME-SE

Jornal do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos do ABC
Ano 2 - Maio de 2003 - Nº 3

MOVA

Reabilitação e Educação

Nogueira mostra a cela onde montou sala do MOVA. Abaixo, ele com seu certificado



“O MOVA teve papel fundamental na minha reabilitação”. Com essas palavras, Dirceu Nogueira, ex-detento da cadeia pública de Ribeirão Pires, define a importância do projeto de alfabetização de jovens e adultos para a reinclusão social dos presos.

Durante sete meses, ele foi educador do MOVA, enquanto cumpria parte de sua pena. Rebe-liões, tentativas de fuga, violência e o problema da superlotação – eram 350 pessoas num lugar onde só cabiam 80 – faziam parte do dia-a-dia dos detentos, que tiveram no MOVA uma oportunidade de construir uma rotina produtiva. “As aulas deram um aspecto mais humano e social para a cadeia”, conta Dirceu.



Saber ler e escrever era fundamental para os presos, que tinham nas cartas o único meio de comunicação com a família. Antes, era Dirceu quem escrevia as cartas, a pedido dos detentos que mal sabiam assinar o nome. “Até poemas de amor eu inventava”, lembra.

O trabalho de Dirceu não se limitava à alfabetização. A reabilitação dependia, principalmente, do resgate da identidade e auto-estima dos detentos. “Era preciso despertar para vida e para necessidade de crescer, já que aquele era um ambiente de horror e morte. Queria que eles acreditassem na possibilidade do recomeço fora dali”, conta. Poucos detentos aderiram ao MOVA, porque era difícil mudar a

mentalidade de uma população carcerária que nunca teve qualquer perspectiva de futuro. “Tudo na cadeia é mais difícil. Um projeto desses exige muita boa vontade e coragem de quem está dentro e de quem está fora da cadeia”, explica o ex-educador.

Apesar dos obstáculos, Dirceu afirma que o MOVA mudou sua

vida: “Foi uma experiência fantástica.” Em liberdade há um ano e dois meses, ele hoje trabalha como segurança de um banco nos Jardins, em São Paulo, e luta para reconstruir a vida. “Minha família sofreu muita discriminação quando eu estava preso. O importante é ter forças para recomeçar”.

continua na página 3

Também nesta Edição

MOVA S. Bernardo quer presença da comunidade

Página 2

EDUCANDO

A guerra no Iraque

Página 4

O MOVA Regional ABC passa por um momento de reestruturação e reafirmação de sua atuação. Das reuniões e seminários realizados com todos os envolvidos no movimento, surgiu a proposta que agora se materializa: a criação de uma personalidade jurídica do MOVA-ABC.

Dentre algumas opções de organização, a que julgamos mais viável é a que se identifica pela sigla OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público.

Acreditamos que com essa forma de organização teremos maior facilidade para a captação de recursos e realizarmos parcerias tanto com a iniciativa privada quanto com o poder público. No próximo jornal voltaremos ao tema.

Estamos trabalhando propostas para encaminhar ao 3º Encontro Nacional de MOVAs que será realizado nos dias 10 a 12 de agosto, em Goiânia. Vamos pensar de qual forma participaremos.

Outra novidade é a mudança do Coordenador Regional, cargo assumido pelo secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Tarcísio Secoli.

Para finalizar não podemos deixar de parabenizar os participantes do concurso para o nome deste jornal. Foram muitas as sugestões. Estaremos sorteando um livro do Paulo Freire aos participantes do concurso em cada cidade.

Um boa leitura a todos!

O mundo quer paz Rosa de Hiroshima

German Conrad
e Vinícius de Moraes

Pense nas crianças mudas,
telepáticas
Pense nas meninas cegas,
inexatas
Pense nas mulheres,
rotas alteradas
Pense nas feridas como rosas
cálidas
Mas! Não se esqueça da rosa,
da rosa
Da rosa de Hiroshima, a rosa
hereditária
A rosa radiotiva, estúpida
inválida
A rosa com cirrose a anti-rosa
atômica
Sem cor, sem perfume
Sem rosa, sem nada

São Bernardo quer entidades mais próximas do Mova

Para aproximar as entidades de bairro da rotina das salas de aula do MOVA, a Secretaria de Educação promoveu o evento "Compartilhar", que contou também com a presença de educadores de toda a cidade, no último dia 28 e março.

Durante o encontro foram apresentadas ações pedagógicas que obtiveram bons resultados. De acordo com a coordenadora do MOVA, Márcia Rita Rotta, é fundamental que as entidades de bairro se comprometam com o processo de alfabetização e não se limitem a cuidar da parte burocrática que envolve o funcionamento das

salas em sua comunidade.

"Os líderes das entidades de bairro conhecem bem as necessidades de suas comunidades. Por isso, podem ajudar os educadores a pensar temas relevantes para serem abordados em aula. Não basta ensinar a ler e escrever, o educando precisa participar", explica a coordenadora.

Uma das maneiras de aumentar a participação das entidades é fazer com que os representantes aumentem o contato, que já existe, com os educadores. "A relação que se estabelece entre a comunidade, educador e educando é fundamen-

tal para o sucesso do aprendizado. Quanto mais a entidade fizer a ponte comunidade-educador, mais rápido se dá o processo de inclusão social do alfabetizando", afirma Márcia. Os representantes da comunidade podem participar das reuniões de formação pedagógica do MOVA/São Bernardo, realizadas uma vez por semana.

A integração faz com que todos saiam ganhando. "Com a comunidade também se responsabilizando pela alfabetização de seus membros, todo mundo cresce junto. Se o aluno evolui, a comunidade também", conclui.



A Escola de Alfabetização de Jovens e Adultos Paulo Freire, inaugurada em junho do ano passado em Rio Grande da Serra, deu maior visibilidade ao MOVA na cidade. "Agora as pessoas que querem estudar sabem onde procurar. O número de inscrições aumentou", afirma a coordenadora Valéria Santos

No novo prédio funcionam oito núcleos de alfabetização, com turmas no período da tarde e noite e, em breve, também pela manhã. Ainda esse semestre, o MOVA/Rio Grande da Serra pretende inaugurar a Biblioteca Paulo Freire para alunos e educadores, além do projeto MOVA/Digital, que promoverá cursos básicos de informática para os educandos recém-alfabetizados.

Fale com o MOVA na sua cidade

Santo André	Ana Maria ou Nívea	4433-0294 - 4433-0608 (fax)
São Bernardo	Marcia Rita	4332-8088 - 4122-5349 (fax)
Diadema	Marcia Santos	4057-1135 - 4057-7704 (fax)
Mauá	Edna Nicodemos	4555-7666 - 4555-8206 (fax)
Ribeirão Pires	Yolanda ou Silvana	4823-2672 - 4828-4314 (fax)
Rio G. da Serra	Valéria ou Alexandra	4820-1907 - 4820-1000 (fax) - R. 215
Asses. Regional	Luiz Soares	4128-4200 - Ramal 4203

Santo André vai a Cuba e mostra MOVA

As coordenadoras Ana Maria Colombo, Nívea Zanardo e Maria Alice Napoleão viajaram para Havana, no início de fevereiro onde participaram do Congresso de Pedagogia 2003. Trata-se de tradicional encontro que reúne, todos os anos, profissionais da educação de vários países para a troca de experiências e discussões sobre métodos pedagógicos.

"Percebi que o MOVA tem uma concepção avançada de alfabetização de jovens e adultos. Alguns participantes ficaram admirados com o fato de não usarmos cartilha para ensinar a ler e a escrever. Estamos à frente", afirma Ana.

Para ela, a experiência foi enriquecedora, principalmente por tomar conhecimento de experiências em alfabetização de outros países, com realidades sociais parecidas com a do Brasil. Ana Maria cita o exemplo cubano, que conseguiu erradicar o analfabetismo há quase 40 anos. "Apesar da falta de recursos, a educação é prioridade do governo. Deveríamos seguir o exemplo", acredita.

O dia em que a cela se transformou em escola e o detento virou professor

A experiência de Dirceu Nogueira, ex-detento da cadeia de Ribeirão Pires, mostra que o MOVA é um meio eficaz de reabilitação e inclusão social.

Dos 15 meses que Dirceu Nogueira permaneceu preso em Ribeirão Pires, cumprindo parte da pena a que foi condenado, metade ele passou na sala de aula.

Implementado em outubro de 2000 na cadeia pública, o MOVA levou aos detentos a chance de voltar a estudar e a ter perspectivas para quando voltassem às ruas.

Ele foi um dos três detentos que recebeu o treinamento pedagógico para iniciar as atividades como educador. Aprender a ensinar foi tarefa fácil perto das dificuldades que enfrentaria.

Apesar de ser respeitado pelos colegas - ele era um dos mais velhos, cozinhava para todos na cela e é evangélico - Dirceu esbarrou muitas vezes na falta de esperança dos presos. "Promete-se muita coisa e nada se cumpre. Estavam descrentes. Todo o tempo são tratados como lixo social, são vítimas do desprezo", conta.

Uma cela que estava desativada foi reformada pelos próprios detentos e transformada em esco-

la. As aulas eram realizadas de manhã, à tarde e à noite, acompanhadas, ao todo, por cerca de 40 alunos. Muitos queriam participar das atividades, mas tinham medo das represálias de outros companheiros. A maioria não aceitava nenhuma iniciativa que mudasse a vida na cadeia. "Os presos só querem saber de destruir o lugar onde estão e fazer planos de fuga. Tinha de passar de cela em cela chamando as pessoas para o estudo".

Na escola, só aula

Manter a cela destinada à escola como espaço exclusivo foi outro desafio. Dirceu tentava evitar que os presos escondessem armas brancas - como facas e outros objetos perfurantes - atrás da lousa, ou fizessem o uso de drogas no local. "Caso contrário, a equipe de carceragem fecharia a cela e impediria as aulas".

A resistência começou a ser quebrada quando o MOVA, aos poucos, ganhou espaço fora da "escola" e se integrou à comunidade carcerária. A exibição de filmes, que



Dirceu Nogueira mostra os desenhos feitos pelos filhos dos detentos, nos dias de visita, e que ele guarda até hoje. Pregados na parede da "escola", os desenhos incentivavam os presos a não desistirem das aulas.



num primeiro momento eram exclusivos aos alunos, passou a ser feita para todos. Em sala de aula, filmes educativos.

Fora dela, sucessos de Hollywood. "Passaram a respeitar mais o nosso trabalho", afirma Dicu.

O ex-detento e ex-educador

do MOVA conta que seis de seus nove alunos conseguiram o certificado de conclusão do primeiro grau.

"Antes eu achava que nada podia ser feito pelos presos. Hoje, tenho certeza de que o mínimo que se faz já é uma grande diferença", conclui.

Verba do governo federal pode ajudar o MOVA a crescer

"O MOVA deve buscar parcerias com o Ministério da Educação (MEC) para expandir sua atuação." Essa é a opinião do secretário de Educação de Diadema, Carlos Kopicac, que participou do Fórum Mundial de Educação deste ano, realizado em Porto Alegre, entre os dias 19 e 22 de janeiro.

De acordo com o secretário, o Ministro da Educação, Cristóvan Buarque, também presente no encontro, disse que o objetivo do governo Lula é valo-

rizar e fortalecer as iniciativas de alfabetização que já existem pelo Brasil. "Por isso, o MOVA pode estabelecer convênio com o MEC e utilizar verbas federais para aumentar a atuação do movimento", acredita Kopicac.

Durante o Fórum, mesas de debate e painéis de exposição mostraram experiências com a alfabetização de jovens e adultos desenvolvidas por entidades de todo o país. Para o secretário, o grande desafio do MOVA é conseguir estabelecer, na prática, a relação entre alfabeti-

zação e trabalho. "A maioria dos alunos voltam a estudar para conseguir uma vaga no mercado de trabalho. Precisamos capacitar nossos alunos para isso", afirma.

Kopicac acredita que eventos como o Fórum Mundial de Educação são essenciais para globalizar a alfabetização. "No encontro, pudemos perceber a dimensão das mudanças que a mobilização tem alcançado. É fantástico poder participar disso e ver florescer por todo o mundo a vontade de transformar", afirmou.